

RECORDAÇÕES DE CASA

Emma Stewart

Quando eu era criança, morava perto de uma floresta. A estrada, com destino indefinido, serpenteava por entre arbustos de framboesa e de Flores silvestres, ao longo da encosta de uma montanha, onde o ar ficava impregnado do agradável aroma dos loureiros e das flores das madressilvas. A estrada passava ao lado de um terreno cercado com arame farpado. Era ali que Preta, a nossa vaca, pastava. Ao lado da cerca, havia uma profusão de violetas grandes e perfumadas.

Quando a estrada se cansava de serpentear, e eu me cansava de andar, chegávamos sempre ao mesmo lugar. Os imensos buxos tinham porte altivo e elegante, como se fossem soldados guardando uma humilde casinha, o lugar mais perto do céu – meu lar.

Tratava-se de uma moradia de dois pavimentos, necessitando urgentemente de uma nova demão de cal. A casa tinha telhado de zinco pintado de vermelho vivo, da cor de morango maduro, que trepidava quando o vento soprava forte. A glicínia, uma trepadeira ornamental, agarrava-se com força às colunas da varanda, e a porta de tela enferrujada rangia alto quando alguém a abria.

O piso era simples, coberto apenas com um ou outro tapete de crochê feito por minha avó. O teto alto tinha como enfeite apenas algumas teias de aranha. A lareira era decorada com um despertador-calendário que estava em férias havia anos. Em um dos cantos, sobre o aparador, via-se um lampião de querosene com o globo enegrecido pela fumaça.

Preso à chaminé, havia um velho aquecedor de ferro fundido, trincado em um dos lados, que nos proporcionava uma temperatura agradável nos dias gelados de inverno. Havia também uma caixa de serragem de carvalho.

Durante o verão, usávamos um leque de folha de palmeira para nos proporcionar uma leve brisa. Já o pavimento superior possuía ventilação própria vinda do "bálsamo-de-gileade", uma árvore cujas folhas balançavam com o vento permitindo a entrada de uma brisa agradável através das janelas dos quartos.

Fazíamos as refeições na pequena cozinha, que ficava no quintal, afastada da casa. A cozinha parecia uma geladeira no inverno e uma fornalha no verão.

Tínhamos um velho e feio fogão escuro, urna enorme mesa quadrada, geralmente coberta com uma toalha de motivos florais e algumas cadeiras de madeira com espaldar redondo. Um balde contendo água tirada de um poço coberto de musgo ficava sobre uma mesinha perto do fogão e, ao lado dele, uma "caneca" feita de meia casca de coco. A eletricidade ainda não havia encontrado o caminho de nossa casa.

Mas nossa comida era boa. Nada pode ser comparado aos biscoitos assados em nosso forno, ao pernil frito mergulhado em molho avermelhado,

ao repolho boiando na gordura do pernil e ao bolo de manteiga coberto com glacê de chocolate feito em casa. Minha mãe ia até a varanda da cozinha e nos chamava quando a refeição estava pronta.

Eu passava grande parte do tempo deitada em uma rede, embaixo das velhas árvores de galhos retorcidos. Também passava horas balançando no quintal, recebendo o ar fresco e os raios de sol no rosto, mergulhada em devaneios agradáveis. Aquela era a minha ideia de recreação. Eu não sabia o que significava solidão.

Mamãe, uma pessoa encantadora de meigos olhos castanhos, era alta, magra e empertigada. Seus longos cabelos negros eram enrolados em forma de coque na nuca. Ela estava sempre atarefada cozinhando, andando de um lado para o outro, alimentando as galinhas, lavando roupa em um velho tanque ou tirando água de um poço de quase cinco metros de profundidade. Porém, ela ainda encontrava tempo para me fazer carinhos e costurar roupinhas para minhas bonecas.

Papai trabalhava o dia todo com um arado puxado por uma mula e um cavalo, revolvendo a terra e tirando capim seco e palha do caminho. Havia odor de terra fresca por toda parte. Quando um corvo crocitava ao longe, papai o imitava e tentava afugentá-lo.

Às vezes, após o jantar, íamos à casa de um vizinho ou, então, ficávamos sentados conversando ou ouvindo música tocada em uma vitrola movida a manivela. A vida era simples para nós, mas era boa.

Daquela época para cá, o mundo mudou muito – e eu também. Apesar de todo o progresso, o amor continua a ser a grande força na terra. Aprendi isso com meus pais muitos anos atrás. Foi o amor que fez uma humilde casa no campo ficar parecida com o céu.